

ATELIÊ DE PINTURA: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DOCENTE

Maxiane Ferreira Freitas (autora)

IFCE

maxifreitas@yahoo.com.br

Evilane dos Anjos Araújo Lima (co-autora)

Evilane_sna@hotmail.com

IFCE

Najla de Oliveira Azevedo (co-autora)

IFCE

najlaazevedo@hotmail.com

Gilberto Andrade Machado(orientador)

androgil@hotmail.com

IFCE

Resumo

Este texto analisa algumas experiências com práticas inclusivas no ensino de artes visuais vivenciadas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID em uma oficina de Artes Visuais realizada em uma escola da periferia de Fortaleza. O PIBID é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES que financia projetos de iniciação a docência desenvolvidos por Instituições de Ensino Superior – IES em parcerias com escola da educação básica da rede pública de ensino, tem como objetivo incentivar a formação docente em nível superior para a educação básica, inserindo os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e



interdisciplinar que buscam a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. O Subprojeto Artes Visuais desenvolvido pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais - CLAV do Instituto Federal do Ceará – IFCE oferece oficinas de Artes Visuais ministradas por licenciandos bolsistas ID (Iniciação a Docência) em três escolas públicas da periferia de Fortaleza. As oficinas são elaboradas pelos próprios bolsistas sob orientação de um coordenador do programa, com carga horária semanal de três horas e são ofertadas em dias alternados no contra turno das aulas em três horários distintos, visando atender tanto os alunos da escola quanto a comunidade. Dessa forma os bolsistas vivenciam o espaço escolar exercendo uma prática docente, que foi formulada conforme as necessidades dos alunos e levando em consideração as experiências de cada um, enfatizando assim suas experiências de vida como instrumentos para se fazer e pensar arte.

Palavras-chave: inclusão, pintura, formação docente.

Resumen

Este artículo discute algunas experiencias con las prácticas inclusivas en la enseñanza de las artes visuales experimentado por becarios del Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docencia- PIBID en un taller de Artes Visuales realizada en una escuela de la periferia de Fortaleza . El PIBID es una iniciativa de la Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES que financia proyectos de empezar a enseñar desarrollados por Instituições de Educação Superior - IES alianzas con las escuelas de educación básica en la red pública , tiene como objetivo fomentar la formación del licenciado en la parte superior para el nivel de educación básica, por la inserción de los estudiantes de pregrado de las escuelas públicas diarias de la educación , ofreciéndoles oportunidades para crear y participar en experiencias docentes, metodológicas , tecnológicas y prácticas por una busca innovadora e interdisciplinaria para superar los problemas identificados en proceso de enseñanza y aprendizaje. El Subproyecto desarrollado por el Curso de Licenciatura em Artes Vusuais - CLAV del Instituto Federal do Ceará - IFCE ofrece talleres impartidos por académicos de becário ID (Iniciação a Docencia) en tres escuelas públicas de la periferia de Fortaleza . Los talleres son elaborados por los becarios juntamente com um professor del supervisión y un coordinador del programa , tienen una duración semanal de tres horas, se ofrecen en días alternos a partir de la ronda de clases en tres momentos diferentes , para satisfacer tanto a los estudiantes como la comunidad escolar . Así los becarios experimentan el ambiente escolar y pueden ejercer una práctica docente , que se formula de acuerdo con las necesidades de los estudiantes , teniendo en cuenta las experiencias de cada uno y destacando así sus experiencias de vida como herramientas para hacer y pensar la arte.



Palabras- llaves: inclusion, pintura, formación del profesor

Introdução

Historicamente as atividades artísticas no Brasil estiveram a serviço das classes dominantes, eram confundidas como atividades de luxo e associadas ao luxo de algumas elites. Embora perita por lei a obrigatoriedade do ensino de arte na escola ainda tende a privilegiar os habilidosos excluindo aqueles que não se identificam com determinadas linguagens artísticas, ou valorizam práticas marginais de expressão artística. Nesse sentido a escola também produz exclusão quando não acolhe os produtores de imagens que nela convivem de forma clandestina: grafiteiros, dançarinos de banda de forró; músicos e atores amadores. Pior ainda, a escola se utiliza deles apenas nos eventos que lhes interessa, desconhece ou menospreza o universo de significados da cultura visual, sonoros e estéticos de seus alunos.

O ensino de Artes Visuais muitas vezes torna-se distante da realidade popular por abordar conteúdos eurocêntricos com frequência, o que de certa forma induz a exaltação da arte erudita, diferenciando-a das outras culturas. Compreende-se ensino de arte como uma ação inclusiva que através de uma abordagem intercultural, pode enriquecer e deslocar o olhar dos alunos para outras culturas, permitindo uma nova visão sobre o conteúdo artístico. O estudo contextualizado de produções artísticas de culturas diferentes permite uma compreensão de questões de vivências daqueles grupos, considerando seus valores e modos de instauração de arte. Essa apreensão de conhecimentos interculturais contribui também para uma nova visualidade dos fatores que permeiam seus cotidianos.

Segundo Pontual (2011), uma das maiores contribuições de Paulo Freire foi o



desenvolvimento de uma visão de educação que possa acontecer em espaços mais abrangentes do que a escola. A educação popular acontece em movimentos sociais e em diversas formas de sociabilidade e convivência dos grupos, porém, é importante diferenciá-la da educação “não formal”, pois não parte do princípio de uma prática fora da escola, mas de uma abordagem que utiliza o próprio saber da comunidade como ponto de partida para o ensino, podendo acontecer em diversos ambientes desde que permita-se o mesmo nível de compreensão entre os indivíduos.

O discurso de Freire sempre dirigido aos educadores e educadoras que atuam tanto na escola como em outros âmbitos da prática social, colocam-nos frente à necessidade de compreender a Educação Popular como um conjunto de práticas e formulações que permeiam diferentes âmbitos das relações sociais, sem deixar de reconhecer a especificidade das diversas práticas e dos distintos espaços onde elas se desenvolvem. (PONTUAL, 2011, p. 5)

Dessa forma, é possível perceber essas oficinas na escola da rede pública como espaços de integração entre alunos da escola, de diferentes turmas e da comunidade, inseridos no mesmo contexto social e cultural onde é possível proporcionar uma aproximação dos indivíduos e levantar questões pertinentes ao cotidiano. Os conteúdos artísticos são abordados inicialmente a partir das vivências e conhecimentos dos alunos proporcionando uma relação de aprendizagem mútua entre professor-aluno e aluno-aluno.

Atentas à estas questões as pesquisadoras elaboraram uma oficina em artes visuais chamada Ateliê de Pintura com carga horária de 49 horas/aula para serem realizadas na Escola de Ensino Fundamental e Médio Plácido Aderaldo Castelo através do PIBID. A oficina tinha como objetivo desenvolver conteúdos artísticos da pintura através do exercício da expressão individual e coletiva.

A metodologia empregada utilizou de alguns conceitos freireanos, como a



prática dialógica que “ aproxima e estimula a cultura como aquisição sistemática da experiência humana, como uma incorporação, por isso mesmo crítica e criadora.”(FREIRE, 2011, p.97) Nesse sentido, explorou-se a noção de “leitura de mundo” como mediadora do diálogo sobre pintura, não apenas como apresentação de técnicas e instrumentos de domínio procedimental ou mecânico. Fez-se um levantamento do imaginário individual e comunitário pois, questionou-se como essas visualidades alimentavam o cotidiano da escola e de seus alunos.

A pintura aparece na história humana como forma de comunicação antes mesmo da escrita. Porém com o surgimento da escrita esta forma de expressão não perde seu valor pois caracteriza-se com um diferencial, podendo exprimir emoções não traduzidas pelas palavras. “Mas, em todas as suas formas, a criação de imagens compartilha outros atributos: a contemplação a si próprio, a glorificação de grupos ou indivíduos, a expressão de sentimentos religiosos a decoração [...]” (DONIS, 2003, p. 198)

Existem inúmeras formas de abordar a pintura no ensino de Arte Visuais desvinculando-a do frequente contexto europeu. A pintura está presente em artigos de uso cotidiano, em imagens divulgadas nas redes sociais, nos muros da cidade e nos próprio cadernos dos alunos. Objetivando uma abordagem de que a arte por si é integrativa as pesquisadoras pretendem estimular as práticas e técnicas de pintura, através da reflexão de assuntos que abordem o interesse e o cotidiano dos alunos.

Através das estimulação de narrativas por meios de vídeo, músicas e discussões foi possível pensar com os alunos sobre algumas questões pertinentes da produção de imagens, um dos objetivos do programa. Em determinado momento é percebido a necessidade da abordagem de temas para que os alunos possam trabalhar a construção de imagens de forma consciente, ou melhor, tendo um fio condutor, um tema. Dessa forma os alunos sentem-se instigados a pensar sobre uma produção e não mais



produzir imagens, que muitas vezes não são combinadas a uma reflexão. Após estas reflexões as pesquisadoras propõem a expressão do que foi discutido por meio da pintura. Se utilizam de narrativas visuais para propor aos alunos a construção dessas imagens.

Pontuando algumas experimentações

Pensar em pintura e relacioná-la com tintas, pincéis e quadros, talvez seja a noção que vem à cabeça de imediato, isso se estamos lidando com o óbvio. Se trouxermos pintura para nosso tempo e a contextualizarmos, nós nos indagaremos sobre a forma de fazê-la e podemos começar a trilhar por outros caminhos, nos quais pincéis são conceituados, onde a cor habita outros espaços e os quadros são construídos de acordo com o tempo presente. O conceito de pintura, assim com o de arte, transcende as delimitações de suporte e técnicas. Através da percepção de visibilidade e sensibilidade estética é possível compreender e ver a arte em situações que nos atravessam. Pensado nisso, foi elaborado uma atividade em que os alunos pudessem perceber essa efemeridade da arte através do conceito de pintura no campo expandido. Levados para o campo expandido da pintura. De acordo com Krauss “categorias como escultura e pintura foram moldadas, esticadas e torcidas por essa crítica, numa demonstração extraordinária de elasticidade, evidenciando como o significado de um termo cultural pode ser ampliado a ponto de incluir quase tudo.” (KRAUSS, 1994 p.129). Com base no trecho, as possibilidades de se pensar e de se construir o conceito de pintura são infinitas e levando em consideração o tempo e o *campo expandido*, que é evidenciado em parte deste trabalho.

Em uma aula as pesquisadoras reuniram a turma em um pátio externo da escola. Foi solicitado que os alunos tentassem criar uma composição com as sombras deles. Após a imagem formada por eles com as sombras foi indagado se aquilo poderia



ser uma pintura. Essa pergunta gerou vários comentários e foi iniciada uma breve discussão sobre a pintura no campo expandido e o quando a arte esta próxima do nosso cotidiano, basta que seja percebida. Então foi pedido aos alunos que enquanto alguns pousavam formando a sombra, outros pintariam os contornos da sombra no chão com tinta branca para fazer o registro da imagem. O resultado foi muito satisfatório, a aula foi interessante e produtiva. A pintura da sombra dos alunos no chão da escola (Ver figura 1) é tida como pintura no campo expandido, pois o suporte e o espaço são resignificados. E ainda fazem parte de uma espaço de convívio habitual dos alunos, que antes não era nada mais que uma simples calçada, mas que agora serve de suporte para a pintura no campo expandido.

Figura 1: Pintura no chão da escola



CINTEDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIREITOS HUMANOS E INTERCULTURALIDADE



Fonte: Acervo da pesquisadora



Outra atividade interessante aconteceu no módulo de estamparia. Nesta atividade as pesquisadoras propuseram a técnicas de pinturas voltadas para estamparia com o objetivo de fazer uma relação da arte com objetos e vestimentas que utilizamos no dia-a-dia. Foram desenvolvidas técnicas de estamparia por meio da reprodução de uma gravura em matriz de borracha, onde cada aluno desenvolveu um desenho, gravou, imprimiu em tecido e criou uma estampa através da repetição do módulo. Os alunos também aprenderam a estampar por meio do stencil, onde o desenho é criado e repassado para o acetado e transformado em molde vasado e reproduzido em tecido por meio da pintura. Essas experimentações foram estimuladas através da reflexão do conteúdo de “identidade individual”. A estamparia além de significar a configuração ou preenchimento de uma superfície segundo Schwartz (2008), também indica publicação ou exibição de algo tentando evidenciá-lo, sugerindo individualidade. Objetivando uma reflexão dos alunos sobre sua própria identidade as pesquisadoras estimulam alguns questionamentos sobre questões pessoais, como pessoas que contribuíram e contribuem para a construção de suas identidades. No meio social em que vivem, no bairro e escola, e coisas de seu interesse como músicas, esportes, religião, entre outros. Posteriormente foi solicitado que os alunos criassem um desenho que os representasse, colocando assim suas questões individuais para que a posterior criação da estamparia em tecido. Em um terceiro momento as pesquisadoras planejaram proporcionar uma atividade de ateliê de estamparia livre disponibilizando material para que os alunos pudessem levar acessórios de uso pessoal e do seu cotidiano para estampar conforme técnicas aprendidas na oficina sob orientação das pesquisadoras.

Conclusão

A arte por si é integrativa, o conceito inclusivo aqui ultrapassa as referências de deficiência física (visual, auditiva, motora, cognitiva). Embora haja formação específica para professores de arte que lidam nesses contextos, a abordagem da pesquisa deteu-se a dialogar com as referências imagéticas dos alunos de tal forma que eles passam a ver o ambiente escolar e a Arte de uma forma diferente, não mais somente com desenho e pintura nos moldes tradicionais, mas podendo ser parte integrante das formas de se visualizar dentro da escola e de uma sociedade crítica.

Referências

DONIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual / Donis A. Donis**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo ampliado**. (Tradução de Elizabeth Carbone Baez). Gávea: Revista semestral do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, Rio de Janeiro: PUC-RJ, n.1, 1984.

PONTUAL, Pedro de Carvalho. **CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE E DA EDUCAÇÃO POPULAR À CONSTRUÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO**. In: Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.3 DEZEMBRO 2011 EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO DE PAULO FREIRE Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>

SCHWARTZ, Ada Raquel Doederlein. **Design de Superfície: por uma visão projetual geométrica e tridimensional**. 2008. Dissertação (Pós Graduação em Desenho Industrial) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.